

RESENHA:

EURASIA Y AMÉRICA LATINA EN UN MUNDO MULTIPOLAR (SERBIN, Andrés)

Marcos Cordeiro Pires¹

A obra de Andrés Serbin “Eurasia y América Latina en un mundo multipolar” (Icaria/CRIES; Barcelona/Buenos Aires, 2019, 200 p.) é uma leitura obrigatória para os pesquisadores no campo das Ciências Políticas e das Relações Internacionais. Traz à tona as profundas transformações que estão ocorrendo no mundo, particularmente em um contexto sócio-histórico-espacial tão distinto de nossa América Latina como é o caso da grande massa continental eurasiática.

Serbin busca refletir sobre essas transformações a partir das contribuições da geopolítica crítica, que trata de analisar a realidade social a partir da desconstrução e da análise dos discursos que são pertinentes à geopolítica tradicional acerca da relação espaço-poder. Em primeiro lugar, o autor busca correlacionar tais discursos com a prática dos atores estatais. Para tanto, toma emprestado os conceitos de Michel Foucault, que utiliza para fazer uma anatomia da estrutura do poder, e os de Jacques Derrida, com o qual busca desconstruir a estrutura discursiva com vistas a compreender os interesses subjacentes às mensagens oficiais.

Em segundo lugar, busca compreender as dualidades relacionadas à construção dos espaços geopolíticos, como as lógicas regionalistas e as lógicas globalizantes, da mesma forma que trata de compreender a criação das fronteiras que demarcam as identidades definidoras de “nós” e os “outros”.

Em terceiro lugar, enfatiza que a geopolítica crítica possibilita não apenas a abordagem da configuração do desenvolvimento geopolítico de cada região específica, mas também possibilita, com ênfase no desenrolar das diferentes narrativas, assumir a intertextualidade analítica e, por isso mesmo, eclética.

Tais instrumentos se mostram úteis, dentre outras coisas, para se pensar a construção histórica das espacialidades inerentes ao discurso político, como o Atlantismo, região sócio-econômica-política que desbanca o Mediterrâneo como eixo civilizacional do Ocidente, ou a sua contrapartida, a construção do Oriente como algo exótico, errático e exuberante, como refletiu

¹ Coordenador do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais da UNESP. Coeditor Chefe da Revista Mundo e Desenvolvimento. Professor da UNESP, campus de Marília/SP

Edward Said em seu “Orientalismo”, ou mesmo o Oriente descrito por Marco Polo em seu “Livro das Maravilhas”.

Mais recentemente, podemos perceber os interesses geopolíticos na construção de novas espacialidades, que podem ser naturais ou artificiais, como as regiões Indo-Pacífica, a Trans-Pacífica ou a Eurasiática, de acordo com a pauta política em causa. Esse mesmo instrumental dominado por Andrés Serbin pode ajudar na reflexão de nossa realidade mais próxima, como a América Latina e Caribe: num processo de desconstrução conceitual, talvez mostre mais pontos de divergências do que de convergências nas formações de nossas sociedades ao se destrinchar camadas mais refinadas de segmentação e de análise.

A temática do livro, que trata de compreender a formação de um novo eixo de poder na região eurasiática, assume especial relevância no momento em que os Estados Unidos atingiram o zênite de seu ciclo hegemônico e se confronta com competidores de peso, que antes de serem considerados estados-nação, podem ser tratados como estados-civilização “orientais”, como nos casos da China, da Índia e da Rússia, mas também atores de menor peso como a Turquia ou o Irã.

O texto se divide em nove capítulos, em que se procura pensar o papel da massa euroasiática e da América Latina na ordem mundial que se forma a partir de um novo protagonismo de nações como a China, a Rússia ou a Índia, a partir de crises que se sobrepõem, como as da globalização, do multilateralismo e da ordem liberal internacional que ainda tem por eixo o Atlantismo, geográfico ou cultural.

Na sequência, decorrente dessa movimentação de placas tectônicas da política mundial, busca compreender a futura redistribuição do poder frente em novo contexto, em que se tenta superar a supremacia do Ocidente que se estende desde pelo menos o começo do Século XIX.

A partir das reflexões do autor, podemos intuir sobre as dificuldades do “parto” da nova ordem, uma vez que a elite estadunidense resistirá fortemente às transformações das bases políticas econômicas mundiais por temer a perda de sua hegemonia em termos militares, financeiros, tecnológicos e culturais. Isso nos leva a um tema paralelo, que diz respeito à Armadilha de Tucídides, tal como resgata Graham Allison. Nesse contexto, uma futura disputa militar entre as grandes potências terá espaço num mundo em que se forma um novo equilíbrio estratégico, seja em termos militares ou econômicos?

Mais adiante, o autor se debruça sobre a construção do discurso das narrativas geopolíticas e dos interesses geoestratégicos em um mundo em transição. Reflete sobre as narrativas do Atlantismo, da Ásia-Pacífico e do Indo-Pacífico. Tem-se a impressão que os mapas

são redesenhados com vistas a construção de identidades e as narrativas que são criadas “à força” para serem encaixadas nas perspectivas geopolíticas em disputa.

É interessante refletir que ao reconstruir um conceito da “Nova Rota da Seda”, o presidente chinês Xi Jinping, em 2017, na Cerimônia de Abertura de “The Belt and Road Forum for International Cooperation”, enfatizou a narrativa sobre o contato harmônico entre diferentes religiões, como o budismo, a hinduísmo, o islamismo, o judaísmo e o cristianismo, que eram pacificamente integradas pelos intercâmbios comerciais e culturais ao longo da antiga Rota da Seda. Um discurso que se ajusta à estratégia chinesa de uma “Comunidade de Destino Comum para a Humanidade” e confronta o choque de civilizações, associado ao realismo e à extrema-direita dos Estados Unidos.

A reconstrução do poder nacional da Rússia, após os turbulentos anos que se seguiram ao colapso da ex-URSS, e a aproximação das fronteiras da OTAN para as bordas do país, principalmente após os incidentes ocorridos na Ucrânia, fizeram com que o governo de Moscou buscasse recuperar o terreno em seu entorno estratégico e também buscar uma “válvula de escape” no Extremo Oriente para superar as sanções impostas pelas potências Ocidentais. Daí a maior aproximação com a China e a criação de conceitos que pudessem estabelecer uma nova identidade frente aos seus rivais do Oeste. Nesse contexto, o conceito de “Eurásia” assume novas conotações, desta vez ideológica, geopolítica e econômica.

No momento em que os Estados Unidos criaram o conceito de “Pivô para a Ásia” e buscaram se articular com rivais estratégicos da China, como a Índia, o Japão, a Coreia do Sul e a Austrália, a diplomacia de Washington forçou uma inusitada coordenação e integração entre China e Rússia. O oposto do que ocorreu, em 1972, quando Richard Nixon visitou a China e alcançou uma grande vitória foi isolar a União Soviética ao atrair o governo de Pequim para a contenção liderada pelos Estados Unidos. Ali, como se sabe, mudou o destino da Guerra Fria.

O resultado desta nova conformação política e econômica, que traz a região eurasiática para o palco central, pode ser visto na conformação de novas instituições e plataformas de cooperação política e econômica, como a União Econômica Euroasiática (UEEA), a iniciativa Belt and Road (BRI), a Organização de Cooperação de Shanghai (OCS) e a Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC), esta mais específica aos países da antiga União Soviética. Tal como informa Serbin, tal coordenação não significa que cada potência euroasiática aja de forma harmônica, pois cada qual possui a sua agenda. Apenas os pontos de intersecção é que são objeto de cooperação. É nesse quebra-cabeça que se forma um novo eixo de poder mundial que se contrapõe ao atual hegemonismo e unilateralismo dos Estados Unidos.

Por fim, o autor nos brinda com uma reflexão sobre a estratégia da Grande Eurásia frente à América Latina e o Caribe. Antes de tudo, é importante frisar que a nossa região ainda é a principal área de influência dos Estados Unidos e que, apesar de tudo, continuamos sujeitos à política da Doutrina Monroe, que remonta ao século XIX. Em 1º de fevereiro de 2018, o então Secretário de Estado de Trump, Rex Tillerson, evocou os princípios da Doutrina para advertir à América Latina e o Caribe (ALC) sobre a influência da China em um discurso na Universidade do Texas, argumentando que "*a América Latina não precisa de novas potências imperiais que buscam apenas beneficiar seu próprio povo*". Em setembro de 2018, durante discurso na seção de abertura da Assembleia Geral da ONU, em Nova York, Donald Trump retomava os princípios da Doutrina Monroe como política formal dos EUA e rejeitou a suposta interferência de nações estrangeiras no hemisfério ocidental e nos assuntos internos de seu país. Era uma alusão direta à China e à Rússia.

Mas as circunstâncias atuais tornam a ação dos Estados Unidos mais complexa, pois atualmente diversos países da América Latina e do Caribe dependem fortemente das exportações para a China e também do dinheiro chinês para investimentos em suas debilitadas infraestruturas. Ao menos 19 nações já firmaram Memorandos de Entendimento de adesão à Iniciativa Belt and Road. Do lado da Rússia, o apoio aos governos de Cuba, Venezuela e Nicarágua faz com que os Estados Unidos requeitem o discurso da Guerra Fria para combater a ameaça “comunista” na região.

Concluindo, o excelente livro de Andrés Serbin, "*Eurasia y América Latina en un mundo multipolar*" é uma grande oportunidade para que o leitor se informe sobre esta disruptiva mudança no eixo geopolítico que cada vez mais se desloca para o Oriente. Boa leitura!